

doi <https://doi.org/10.5335/srph.v24i2.17527>

Começa uma “nova era”: o início da Guerra Fria visto pela grande imprensa brasileira¹

Comienza una “nueva era”: el comienzo de la Guerra Fría visto por la prensa dominante brasileña

A new era begins: the beginning of the Cold War seen by the brazilian mainstream press

CHARLES SIDARTA MACHADO DOMINGOS²  

Resumo: Neste artigo, pretendo descortinar como a sociedade brasileira acompanhou o início da Guerra Fria. Para tanto, escolhi as explosões atômicas contra o Japão (agosto de 1945), o discurso do ex-primeiro-ministro da Inglaterra, Winston Churchill, em Fulton, nos Estados Unidos (março de 1946) e o pronunciamento do presidente Harry Truman ao Congresso dos Estados Unidos da América (março de 1947). Nossas fontes primárias são os periódicos *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* que estão disponíveis *online* no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. A escolha se deu por esses dois jornais em razão da grande circulação e da credibilidade que ambos detinham no período estudado e também por serem publicados na cidade do Rio de Janeiro que era a capital do Brasil.

Palavras-chave: Guerra Fria. História. Imprensa.

Resumen: En este artículo pretendo revelar cómo la sociedad brasileña observó el inicio de la Guerra Fría. Para ello, elegí las explosiones atómicas contra Japón (agosto de 1945), el discurso del ex primer ministro de Inglaterra, Winston Churchill, en Fulton, Estados Unidos (marzo de 1946) y el discurso del presidente Harry Truman ante el Congreso de los Estados Unidos de América (marzo de 1947). Nuestras fuentes principales son los periódicos *Correio da Manhã* y *Jornal do Brasil*, que están disponibles en línea en el sitio web de la Hemeroteca de la Biblioteca Nacional. Estos dos periódicos fueron elegidos debido a su gran circulación y credibilidad durante el período estudiado, y también porque eran publicados en la ciudad de Río de Janeiro, que era la capital de Brasil.

Palabras clave: Guerra Fría. Historia. Prensa.

Abstract: In this article, i intend to reveal how brazilian society observed the beginning of the Cold War. To this end, I chose the atomic explosions against Japan (August 1945), the speech by the former Prime Minister of England, Winston Churchill, in Fulton, in the United States (March 1946) and the address by President Harry Truman to the Congress of the United States of America (March 1947). Our primary sources are the newspapers *Correio da Manhã* and *Jornal do Brasil*, which are available online on the website of the National Library's. These two newspapers were chosen due to their large circulation and credibility during the period studied, and also because they were published in the city of Rio de Janeiro, which was the capital of Brazil.

Keywords: Cold War. History. Press.

¹ Este texto foi publicado originalmente em: DOMINGOS, Charles S. M. **Jovens olhares sobre a Guerra Fria**. Porto Alegre: Coragem, 2022. p. 31-57.

² Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre e graduado em História pela mesma instituição. Professor Titular no Campus Charqueadas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul).

Considerações iniciais

A Guerra Fria foi um momento marcante do século XX. Por aproximadamente 45 anos, a disputa entre Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) mobilizou os povos de todo o globo nos campos da política, da economia, da cultura, da tecnologia e da ideologia. Cada uma das duas superpotências envidava seus melhores recursos para demonstrar que a sua formação social – capitalista no caso dos EUA, socialista na URSS – era mais atraente aos olhos de sua própria sociedade e dos povos que estavam sob suas áreas de influência, mas também na mesma medida aos olhos dos cidadãos do outro lado.

A Guerra Fria foi o período em que o homem se aventurou no espaço! Foi também o terreno dos espões! Foi o momento onde a disputa ideológica se manifestou nas Olimpíadas! E também nas artes! Mas foi também um período de medo! Medo do diferente, medo do conhecido, medo do passado para os povos que tinham sido colonizados na época do imperialismo, medo do presente nos países que viveram ditaduras militares na América Latina, medo do futuro, ou melhor, da ausência de futuro em razão das armas nucleares!

Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade. Na verdade, mesmo os que não acreditavam que qualquer um dos lados pretendia atacar o outro achavam difícil não ser pessimistas, pois a Lei de Murphy é uma das mais poderosas generalizações sobre as questões humanas (“Se algo pode dar errado, mais cedo ou mais tarde vai dar”). À medida que o tempo passava, mais e mais coisas podiam dar errado, política e tecnologicamente, num confronto nuclear permanente baseado na suposição de que só o medo da “destruição mútua inevitável” (adequadamente expresso na sigla MAD, das iniciais da expressão em inglês – *mutually assured destruction*) impediria um lado ou outro de dar o sempre pronto sinal para o planejado suicídio da civilização. Não aconteceu, mas por cerca de quarenta anos pareceu uma possibilidade diária (Hobsbawm, 2003, p. 224).

É muito difícil compreender a Guerra Fria sem destinar atenção para o significado que as armas nucleares – a partir da detonação das bombas atômicas nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki – conferiram àquele mundo. Uma reflexão muito oportuna de Jean-François Sirinelli ilustra com maestria o que pensamos sobre a História e em especial a História desse período: “Deve se recordar de novo que tanto quanto a reconstrução mais aproximada da

realidade, a História deve preocupar-se com a percepção que dela tinham os contemporâneos” (Sirinelli, 1998, p. 418).

Entender a percepção que as pessoas tinham sobre determinado tema não é tarefa fácil para o historiador. Mas nesse texto procuraremos enfrentar esse desafio! Munido de nossa melhor arma, a ciência histórica, temos como objetivo geral justamente perceber como a sociedade brasileira acompanhou o início da Guerra Fria. Para tanto, escolhemos alguns acontecimentos que, no nosso entendimento, são emblemáticos para compreendermos como teve início essa nova fase na História do Século XX e vamos analisá-los em três tempos: as explosões atômicas contra o Japão (agosto de 1945), o discurso do antigo primeiro-ministro da Inglaterra, Winston Churchill, em Fulton, nos Estados Unidos (março de 1946) e o pronunciamento do presidente Harry Truman ao Congresso dos Estados Unidos (março de 1947).

O trabalho do historiador é feito sempre a partir de fontes, que são os vestígios produzidos pelos seres humanos. Nossas fontes secundárias são textos produzidos por historiadores que se preocuparam com o estudo da Guerra Fria. E as fontes primárias sobre as quais nos debruçaremos em nossa pesquisa são os periódicos *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* que estão disponíveis *online* no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. A escolha se deu por esses dois jornais em razão da grande circulação e da credibilidade que ambos detinham no período estudado e também por serem publicados na cidade do Rio de Janeiro que era a capital do Brasil. Como mencionamos anteriormente, vamos analisar os jornais em questão em três tempos: agosto de 1945, março de 1946 e março de 1947.

Em agosto de 1945, o Brasil estava, também, entrando em uma nova era. A ditadura do Estado Novo estava perto do seu final, eleições para presidente do Brasil tinham sido marcadas para 2 de dezembro e novos partidos políticos como a União Democrática Nacional (UDN), o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) estavam se organizando – além do Partido Comunista do Brasil (PCB) que estava saindo do período de clandestinidade. O período era de abertura política e fim da censura para a imprensa, como pode ser observado em matérias onde os jornais em questão chamavam o regime de ditadura – o que seria impensável há um ano antes.

Já em março de 1946, o Brasil tinha o primeiro presidente eleito no tempo da experiência democrática (1945-1964). Ministro da Guerra na ditadura do Estado Novo, Eurico Gaspar Dutra foi eleito presidente pelo PSD para o mandato compreendido entre janeiro de

1946 a janeiro de 1951. O novo presidente rapidamente se aliou, de forma subordinada, aos Estados Unidos da América em sua política externa.

Quando do discurso de Truman, em março de 1947, Dutra estava em seu segundo ano de mandato presidencial. De seus primeiros anos de governo, cabe destacar sua política repressiva aos trabalhadores, proibindo o direito de greve por decreto em setembro de 1946, mesmo mês da promulgação da nova Constituição do Brasil. Poucos meses depois, como primeiros sintomas da Guerra Fria no Brasil, salientamos a cassação do registro do PCB em maio de 1947, a assinatura do Tratado Interamericano de Aliança Recíproca (TIAR) em setembro seguida do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com a URSS em outubro do mesmo ano e a cassação dos mandatos parlamentares dos comunistas em janeiro de 1948.

Nesse período, os jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, fundados nos anos iniciais da República, faziam parte daquilo que Nelson Werneck Sodré chamava de “grande imprensa” (Sodré, 1983, p. 275), ou seja, estavam organizados dentro de uma lógica capitalista de produção, vivendo da suas vendas avulsas e de assinaturas e da comercialização de espaços para anúncios. Eram jornais que estavam vivendo um processo de modernização, que se acentuaria “a partir dos anos 1950, que se pode considerar inauguradas com a reforma do *Jornal do Brasil*” (Luca, 2021, p. 138).

Em um texto fundamental para o estudo metodológico da imprensa como fonte histórica, Tânia de Luca chama a atenção sobre como “é importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural” (Luca, 2021, p. 132). Em razão disso, frisamos que ambos os jornais utilizados como fonte de pesquisa nesse capítulo, se valiam das agências internacionais de notícias para obterem matérias de outros países – não era comum o jornal ter correspondente no exterior, era mais econômico comprar as matérias das agências de notícias. No caso do *Correio da Manhã*, as matérias que o jornal queria enfatizar eram publicadas na capa da edição com seguimento na página 4; já o *Jornal do Brasil* trazia apenas as manchetes na capa, que era complementada com anúncios classificados; as matérias de política internacional normalmente eram publicadas na página 7.

Quando queriam dar destaque a alguma matéria, ambos os jornais a publicavam na parte superior esquerda de suas páginas. Aquelas matérias que não eram entendidas como as que de deveriam ter maior repercussão eram publicadas na metade inferior da edição. A editoração do *Correio da Manhã* era mais atrativa, visualmente, do que a do *Jornal do Brasil* nesse período em que desenvolvemos a pesquisa. Por fim, ressalto que os jornais praticamente

não emitiam sua opinião sobre os temas publicados como é comum hoje em dia. Eventualmente o *Correio da Manhã* trazia uma espécie de editorial no lado direito da capa, em uma única coluna, mas não era em todas as suas edições que havia essa publicação. Em contrapartida, os dois periódicos divulgavam muitas matérias de opinião compradas das agências de notícias.

O fim da Segunda Guerra Mundial parecia estar próximo nos primeiros dias de agosto de 1945. O teatro europeu do conflito estava resolvido desde maio e a Guerra do Pacífico não despertava maiores temores de que continuasse por muito tempo, dada a superioridade dos Aliados. Tudo levava a crer que a expectativa das populações ao redor do mundo, inclusive a brasileira, era sobre um longo tempo de paz e reconstrução. Soviéticos e estadunidenses, secundados pelos britânicos, eram vistos como os grandes libertadores da ameaça nazista. Eram os campeões da liberdade, da luta contra a injustiça e da democracia!

Mas alguma coisa fez tudo isso mudar. Uma coisa terrível!

“Usaremos a arma terrível”

Em agosto de 1945, a Segunda Guerra Mundial estava praticamente terminada. Em 8 de maio os nazistas assinaram sua rendição em Berlim a guerra na Europa se encerrava. Entre o fim de julho e os primeiros dias de agosto, nos arredores de Berlim, Harry Truman, Winston Churchill (que foi substituído por Clement Attlee) e Josef Stálin se reuniam na Conferência de Potsdam.

Cinco dias após esse encontro dos Aliados na Alemanha, o jornal *Correio da Manhã* trazia em sua capa, no dia 7 de agosto de 1945, a seguinte manchete: “Fantástico engenho de destruição: lançada sobre Hiroshima uma bomba atômica – 2000 vezes mais poderosa que o maior petardo aéreo” (*Correio da Manhã*, 7/8/1945, capa). A população brasileira – e mundial – ainda não tinha conhecimento do tamanho da destruição que uma arma daquelas podia produzir. Seu emprego, em um momento em que a Segunda Guerra Mundial já estava se encaminhando para o final, após a derrota do nazismo em maio daquele ano, trazia grande curiosidade, mas as notícias sobre o trágico evento de 6 de agosto ainda estavam sendo produzidas pelos jornalistas.

Nessa edição do jornal, a explosão da bomba atômica ocupou aproximadamente metade da capa do periódico. A cobertura internacional estava preocupada, também, com o julgamento do marechal francês Philippe Pétain – herói da França na Primeira Guerra Mundial e que colaborou ativamente com os nazistas na Segunda Guerra Mundial no governo de Vichy,

sendo condenado à morte em 14 de agosto e tendo a pena comutada por De Gaulle em prisão perpétua – e com os ataques aéreos a Tóquio.

O *Correio da Manhã* trazia uma declaração da Casa Branca que fora comprada da agência de notícias estadunidense *Associated Press* (AP), de onde vinha grande parte das notícias internacionais divulgadas pelo jornal e que contava com grande legitimidade nos meios jornalísticos de então. É importante chamar a atenção que o *Correio da Manhã* estava publicando uma declaração oficial do governo do presidente Harry Truman – que tinha tomado posse há pouco tempo, em 12 de abril, em razão do falecimento de Franklin Delano Roosevelt. Era, portanto, uma notícia vinda dos Aliados, mas também de quem produziu a bomba atômica e deu a ordem para que fosse utilizada contra o Japão.

A declaração do governo dos Estados Unidos da América informava que “um avião americano despejou sobre Hiroshima, importante base militar, uma bomba com mais poder que 20.000 toneladas de TNT (trinitrotolueno) e 2.000 vezes o poder de explosão da ‘grand slam’ britânica, a maior bomba já usada na guerra” (*Correio da Manhã*, 7/8/45, capa). A nota seguia culpando os japoneses por terem começado a guerra em Pearl Harbor e passava a explicar a tecnologia da “bomba atômica” e da sua indústria – uma forma de propaganda bastante intimidadora; sem sombra de dúvidas, esse era um dos objetivos da declaração que destacava: “Gastamos 2 bilhões de dólares no maior jogo científico da História – e ganhamos” (*Correio da Manhã*, 7/8/45, capa).

A sociedade brasileira ficava sabendo, com essa declaração publicada no *Correio da Manhã*, da magnitude do poder bélico – agora atômico – que dava singularidade aos Estados Unidos naquele mês de agosto de 1945. E passava a saber, também, através dessa propaganda oficial do governo Truman, que “o fato de podermos liberar energia atômica leva a uma nova era no entendimento das forças da natureza” (*Correio da Manhã*, 7/8/45, capa – grifos nossos).

A “nova era” de entendimento – e domínio – da natureza em que os EUA eram os protagonistas e que traziam nessa declaração um discurso baseado na técnica e na ciência era também uma era que se pretendia diferente da anterior pela concentração do poder em um só lugar: “Nas atuais circunstâncias não vamos divulgar os processos técnicos da produção, ou todas as suas aplicações militares, até novo exame dos métodos possíveis de proteção, nossa e do mundo, contra o perigo de súbita destruição” (*Correio da Manhã*, 7/8/45, capa).

O governo dos EUA tentava justificar a detonação da bomba atômica sobre o Japão como uma necessidade para abreviar o fim da Segunda Guerra Mundial. Contudo, a “nova era”

tinha na disputa com a URSS seu principal objetivo. De acordo com Paulo Vizentini, já na Conferência de Potsdam, Truman “defendia uma posição bastante rígida em relação à URSS, informando a Stálin sobre a existência da bomba A, sem precisar o seu potencial” (Vizentini, 2003, p. 199). Essa era a principal razão para que o governo dos EUA mantivesse o segredo sobre a tecnologia da bomba atômica, como pode ser depreendido também do fato de que o “general Groves, responsável pelo Projeto Manhattan (produção da bomba A) afirmara em 1942 – em plena vigência da aliança EUA-URSS – que esta seria uma importante arma contra a União Soviética!” (Vizentini, 2003, p. 199).

Na edição do *Correio da Manhã* do dia seguinte, o jornal tinha conseguido mais informações sobre a tragédia de Hiroshima. Agora trazia uma manchete mais em sintonia com o que a detonação da bomba atômica representava de fato: “Mais da metade de Hiroshima arrasada!” Agora com informações da também estadunidense *United Press* (UP), o jornal trazia junto à manchete: “Urgente – Anuncia-se oficialmente que uma única bomba atômica lançada sobre Hiroshima arrasou dez quilômetros quadrados da cidade, isto é, 60 por cento da zona edificada. A destruição na área mencionada foi absolutamente total. Havia ali grandes objetivos industriais” (*Correio da Manhã*, 8/8/45, capa).

Dessa vez, aproximadamente 75% da capa do *Correio da Manhã* cobria a detonação da bomba atômica em Hiroshima. Assim como no dia anterior, trazia questões sobre a técnica atômica, dessa vez com trechos de depoimentos de importantes cientistas como “Sir” Niels Bohr e outros físicos inseridos em universidades de prestígio. Mas também alargava um pouco a perspectiva a respeito do que a bomba atômica representava em nível de poder, através da reportagem que veio de Londres assinada pelo repórter John Kimche:

A bomba atômica deixa a perder de vista as decisões estratégicas de Potsdam, Teerã e Yalta. Assim pensam os técnicos militares que estão adaptando essas decisões à nova descoberta. As grandes resoluções estratégicas de todas as conferências assumem aspecto novo. A segurança não mais depende do controle dos Dardanelos ou de Suez. A posse de Königsberg pela Rússia, a fronteira nesse ou naquele rio ou montanha, não acrescentam um ponto de vantagem estratégica em novo conflito. A posse do Reno e de Colônia pode ser vantagem econômica para a França: mas não é mais uma necessidade estratégica. Nada, a não ser a paz internacional, poderá dar ao mundo a sensação de segurança. Muito mais importante que fronteiras estratégicas é o controle da fabricação das bombas atômicas (*Correio da Manhã*, 8/8/45, capa).

A “nova era” anunciada por Harry Truman agora parecia estar tendo um entendimento mais completo através da análise de Kimche. Muito mais que a técnica, era o controle da

produção da bomba que produziria as novas estratégias da política internacional. Uma mudança, uma ruptura mesmo, em relação ao mundo anterior à Segunda Guerra Mundial.

Mesmo apostando que somente a paz internacional poderia garantir um mundo seguro em função da bomba atômica, o repórter conseguiu vislumbrar em sua análise uma possibilidade geopolítica que, aos seus olhos atentos, alargavam, com muita qualidade, a interpretação oficial de “nova era” que o governo dos EUA queria transmitir:

Essa produção é tão custosa e complicada que somente as Grandes Potências podem tomar a si as pesquisas, e as despesas decorrentes. Assim aumentará consideravelmente a dependência das pequenas potências, indefinidamente subordinadas às que podem dispor da poderosíssima arma. Círculos bem informados já admitem claramente que o poderoso instrumento de destruição possa ser objeto de competição entre as Grandes Potências, com os riscos decorrentes. Admite-se que logo que os técnicos tenham estudado todas as conseqüências da nova arma, haverá consultas para estabelecer o método de controle de sua manufatura e uso. Essas consultas podem levar à revisão de certas decisões estratégicas anteriores (*Correio da Manhã*, 8/8/45, capa).

O *Correio da Manhã* trazia aos seus leitores a certeza de que nada seria como antes. Não se sabia exatamente ainda o que viria dali por diante no concerto das nações. Embora trouxesse, pelas palavras escritas de Kimche, uma idéia real do papel que o Brasil desempenharia nesse mundo novo – e que esse papel não era o reservado às Grandes Potências.

O destaque da edição do jornal no dia 9 de agosto foi a entrada da URSS na guerra contra o Japão – com direito a foto de Stálin na capa. A decisão soviética foi apresentada de forma muito positiva nessa edição do *Correio da Manhã*, que mencionava inclusive o cumprimento do acordo feito por Stálin com Roosevelt e Churchill em Yalta, quando “Stálin tinha se comprometido a declarar guerra ao Japão em três meses depois de concluída a campanha na Europa e havia pedido em troca uma série de concessões territoriais, uma parte das quais afetavam a China, o que lhe obrigou a negociar com os dirigentes chineses do Kuomintang” (Fontana, 2011, p. 41 – tradução do autor).

E a cobertura sobre a bomba atômica em Hiroshima continuava na capa do periódico. A cada dia, com uma cobertura mais profunda sobre o acontecimento. Nessa edição, apareceram fortes críticas realizadas pela imprensa japonesa:

O novo tipo de arma adotado pelo inimigo e que reduziu Hiroshima a ruínas. O auxílio médico e outras organizações que correram para a cidade atingida, não puderam ainda identificar os que morreram dos ferimentos ou em consequência do abalo provocado pela explosão do novo petardo. No raio de ação da bomba, cessou completamente toda espécie de vida animal, devido ao tremendo calor e à extraordinária pressão provocada pela explosão. Todos os mortos ficaram queimados e foi impossível a sua identificação. Os efeitos desse novo projétil foram tremendos, pois os que se achavam dentro de casa morreram carbonizados e os que se encontravam ao ar livre pereceram em virtude da pressão profunda pelo enorme deslocamento de ar (Correio da Manhã, 9/8/45, capa).

A dimensão real dos efeitos nefastos da detonação atômica se mostrava, agora, mais próxima para a população brasileira. A tragédia tomava corpo – e corpos incendiados. A “nova era” preconizada por Truman começava a ser percebida de outras formas: “Os matutinos londrinos publicaram detalhes relativos à bomba atômica. Os editoriais, ao mesmo que traduzem a palavra dos cientistas aliados, expressam sérios temores pela sorte da humanidade, pelo que opinam que um severo controle deve ser exercido (Correio da Manhã, 9/8/45, p.3).

A ideia de uma ruptura de poder estava cada vez mais presente: “O *Daily Express* diz: O mundo transformou-se em uma noite. A explosão de Hiroshima assinala o fim de uma época e o princípio de outra. Todo um mundo de ideias ficou cancelado” (Correio da Manhã, 9/8/45, p.3). E para que não houvesse dúvidas nessa mudança da definição do poder entre as nações, na mesma edição do dia 9 de agosto, o *Correio da Manhã* trazia a seguinte notícia: “Novo ataque com bomba atômica: Anuncia-se que foi realizado novo ataque com bomba atômica ao Japão, contra Nagasaki (Correio da Manhã, 9/8/45, capa). Os desdobramentos vieram no dia seguinte – certamente foi uma noite de grande apreensão para os leitores do jornal da capital do Brasil.

“A terra parecia tremer com a explosão: bomba atômica sobre Nagasaki” (Correio da Manhã, 10/8/45, capa). Assim o *Correio da Manhã* informava aos seus leitores sobre a explosão da segunda bomba atômica da História, embora não tivesse, ainda, maiores informações sobre a profundidade da tragédia: “A bomba atômica lançada sobre Nagasaki causou terríveis danos, porém são desconhecidos os resultados completos porque a cidade ficou totalmente coberta de fumaça” (Correio da Manhã, 10/8/45, capa).

Acompanhava a apreensão com aquela “nova era” um discurso do presidente Harry Truman, fornecido pela *United Press* ao *Correio da Manhã*, que deu o seguinte destaque na capa da edição: “Usaremos a arma terrível até que os japoneses se rendam” (Correio da Manhã,

10/8/45, capa). Truman enfatizava a ameaça do emprego sistemático de bombas atômicas: uma ameaça que se mostrava possível de ser endereçada também a outros países:

As 2 bombas atômicas lançadas são só um aviso do que sucederá. O povo japonês deve abandonar imediatamente as grandes cidades industriais e salvar-se da destruição. Compreendo o significado da bomba atômica e sei que a arma é perigosa para ficar sem fiscalização num mundo sem lei. Os EUA e a Grã-Bretanha não revelarão o segredo até encontrar os meios de dominá-lo, de forma a nos protegemos e a proteger o mundo do perigo da destruição. Devemos constituir-nos guardiões da nova força, para evitar seu mau emprego e pô-la a serviço da Humanidade. É terrível a responsabilidade que caiu sobre nós. Continuaremos usando bombas atômicas até a destruição completa do poder japonês e só nos deterá a rendição do Japão (Correio da Manhã, 10/8/45, capa).

O presidente Truman, detentor do monopólio nuclear e anunciador da “nova era”, colocava os Estados Unidos – sob seu comando – como “guardião” da bomba atômica, colocando, cinicamente, a situação como um fardo que caiu sobre seus ombros, quando, na realidade:

As bombas atômicas lançadas sobre um Japão à beira da rendição eram militarmente desnecessárias. Foram, na verdade, uma demonstração de força diante dos soviéticos e dos movimentos de libertação nacional que amadureciam na China, Coréia e países do Sudeste Asiático, bem como uma intimidação à esquerda européia e à agitação no mundo colonial. Neste sentido, essa política visava limitar os acordos de Yalta no que se referia à Europa e impedir sua aplicação na Ásia. Ainda que enfrentando algumas resistências, os EUA eram os senhores da nova ordem mundial (Vizentini, 2003, p. 199).

Nessa edição o jornal *Correio da Manhã* trouxe uma novidade: na capa, um texto com a opinião do jornal, não assinada, um editorial. Esse tipo de editorial não era diário e esse apresentava a seguinte reflexão sob o título PAZ:

A bomba atômica foi estreada, e o seu advento sublinhado com máxima orquestração em todo o mundo, numa data cuja escolha terá presidido também a idéia de atenuar ou diluir a repercussão mundial da entrada da Rússia na guerra do Oriente. Não faz mal nenhum, mas não deixa de ser divertido, ver o amigável despique com que – como as grandes vedetes do palco – os gigantes preparam e degladiam seus efeitos de cartas (Correio da Manhã, 10/8/45, capa).

Sidnei Munhoz afirma que “é possível constatar que, a partir dos resultados positivos com os testes nucleares em Alamogordo, em 16 de julho de 1945, Truman iniciou o processo de exclusão dos soviéticos na participação da construção de uma nova ordem no extremo oriente, conforme pactuado em Yalta” (Munhoz, 2020, p. 114). A ameaça de Truman, bem

como seu cinismo, parecem não ter escapado ao *Correio da Manhã*, que parecia ter entendido as rivalidades da “nova era” – embora talvez não com sua extensão real.

“Uma cortina de ferro desceu sobre o continente”

Sete meses após o maior crime de guerra já cometido na História, os Estados Unidos foram o palco de um famoso discurso de Winston Churchill. No Westminster College de Fulton, no Missouri, aquele que tinha sido o líder da Inglaterra na Segunda Guerra Mundial que impediu o avanço nazista sobre seu país proferiu um discurso que trazia mais elementos para se entender a “nova era” que estava chegando ao mundo.

Naquele 5 de março de 1946, Churchill fazia ecoar palavras que repercutiram por todo o mundo do pós-guerra. Ao afirmar que cabia aos estadistas evitarem a guerra e a tirania, o ex-primeiro-ministro britânico destacava a importância da ONU e a necessidade da manutenção do segredo da bomba atômica, caso contrário “eu não dormiria tranquilo se algum estado bolchevista ou neo-fascista manipulasse no futuro esses instrumentos mortíferos” (*Correio da Manhã*, 7/3/46, capa).

A desconfiança agora era pública. E sobre ela que estava assentada a “nova era”. Com Harry Truman presente no momento do discurso, Churchill pregava a necessidade de uma “união militar” entre a Inglaterra e os Estados Unidos para o mundo de pós-guerra, para o mundo da paz! Afinal,

Ninguém sabe o que a Rússia e a sua organização internacional pretendem fazer num futuro próximo. Merece elogios o marechal Stálin e o denodado povo russo; deve reconhecer-se à Rússia o direito de garantir a segurança de suas fronteiras contra futura agressão alemã. Mas o que se verifica atualmente é que, de Stettin, no Báltico, até Trieste, no Adriático, uma cortina de ferro desceu sobre o continente; todas as capitais da Europa central e oriental estão por trás dessa linha, sujeitas à esfera russa; de uma forma ou outra, ficam cada vez mais sujeitas ao controle de Moscou (*Correio da Manhã*, 7/3/46, capa).

E essa preocupação de Churchill não era algo novo – já estava presente desde a Segunda Guerra, quando “apesar dos acordos formais interaliados, a tentativa de uma paz em separado, com nova aliança para uma possível continuação da guerra contra os soviéticos continuava em negociações de bastidores e era o fantasma que assombrava Stálin”. E Josef Stálin não estava vendo coisas de outro mundo, o fantasma era muito real – a espionagem soviética sabia que em “1944, Churchill encomendara um estudo para uma guerra de surpresa

contra a URSS em 1945, com o auxílio de tropas alemãs (Operação *Untinkable*) mas o exército recusou” (Visentini, 2020, p. 163).

Naquela quinta-feira, 7 de março de 1946, os leitores do *Correio da Manhã* ficavam mais próximos de entender melhor a “nova era” que Truman anunciava estar chegando desde agosto de 1945. O Brasil também vivia a emergência de uma nova era em suas fronteiras: a ditadura do Estado Novo tinha virado outra “página infeliz de nossa História”; o país vivia os primeiros momentos – ainda que tensos e com resquícios de autoritarismo bastante presentes – da experiência democrática, a nossa nova era brasileira.

E nessa dupla nova era – a anunciada por Truman e a vivenciada em nosso país – o *Correio da Manhã* mostrava que também estava passando por transformações. Na mesma capa que trazia o discurso do ex-primeiro-ministro britânico, o periódico trazia também o editorial sob o título “Churchill”. Nesse texto, que expressava a opinião do jornal, o *Correio da Manhã* enaltecia a inteligência do líder inglês e lembrava que ele teimava “em apontar os armamentos alemães e a nova progressão do belicismo prussiano como coisas que deveriam tirar o sono a deputados, lordes e banqueiros” (*Correio da Manhã*, 7/3/46, capa) em sua Inglaterra, quando ninguém queria ouvir. E que agora, dizia o editorial do *Correio da Manhã*, “a mesma voz se levantava em termos bem semelhantes, para denunciar um perigo quase igual. Seis anos de guerra causaram muitas insônias – e é outra vez copiosíssima a multidão dos homens preponderantes a quem apetece dormir. O perigo russo? Talvez suma não se falando nele...” (*Correio da Manhã*, 7/3/46, capa). O *Correio da Manhã* passava a endossar o discurso de Churchill. Não era só uma questão de publicar a notícia, era uma opção de apoio e de convencimento aos brasileiros para que prestassem atenção àquelas palavras.

No entanto, a URSS estava mais interessada em sua reconstrução naquele momento, como aponta Sidnei Munhoz: “O que se afirma aqui é a existência de evidências de que, do final do conflito global até aproximadamente o início de 1946, Stálin havia focado os seus objetivos na reconstrução da União Soviética, se possível com o apoio financeiro dos EUA e com as reparações de guerra que ele esperava receber da Alemanha” (Munhoz, 2020, p. 128).

O jornal trazia também algumas repercussões na Inglaterra, compradas da *United Press*. Alertava que todos os jornais traziam referência ao discurso nos EUA e que “a maior parte comenta favoravelmente o discurso: alguns com ressalvas à tendência das relações com a Rússia” (*Correio da Manhã*, 7/3/46, p.3). Apontava também que “o homem do povo acha que

o discurso de Churchill foi ‘muito sombrio’ mas impressionou os britânicos como nunca, sobre a piora das relações anglo-russas (Correio da Manhã, 7/3/46, p. 3).

Mas havia espaço para repercussões negativas. O jornal do Partido Trabalhista, partido de Clement Attlee que tinha sido vitorioso na disputa com Churchill para primeiro-ministro em 1945, não trouxe comentários, noticiava o *Correio da Manhã*; já o *Daily Worker* “disse que Churchill propõe ‘o que equivale a um novo eixo anti-bolchevista’” (Correio da Manhã, 7/3/46, 3). Ao não trazer comentários, o *Daily Herald*, se não condenava explicitamente as palavras de Churchill, tampouco as apoiava, não fazendo parte daquela *maioria que comenta favoravelmente o discurso*. E o *Daily Worker* não podia ser mais cáustico em sua avaliação: *um novo eixo*, tal qual Berlim-Roma-Tóquio seria revivido caso a proposta de Churchill de união militar com os EUA prosperasse.

Ao mesmo tempo, o *Jornal do Brasil* trazia em sua capa: “Churchill preocupado com a expansão soviética” (Jornal do Brasil, 7/3/46, capa). Também com dados da *United Press*, o *Jornal do Brasil* trazia as mesmas informações do *Daily Herald* e *Daily Worker* – mencionando que o *Worker* era um jornal comunista. Além disso, o *Jornal do Brasil* também comprara material da agência britânica *Reuters* – que não estava presente na edição do *Correio da Manhã*. Trazia as considerações do presidente do Partido Trabalhista, o professor Harold Laski, que afirmou ser o discurso de Churchill “uma formosa defesa da continuação do imperialismo britânico” e acrescentou: ‘Acredito que seus sentimentos conservadores o façam tão oposto à Rússia como ao governo trabalhista de seu próprio país. Evidentemente desejamos a cooperação anglo-norte-americana, mas não de maneira exclusiva’” (Jornal do Brasil, 7/3/46, p. 7). A crítica ao imperialismo era bastante presente nos setores mais progressistas da Inglaterra do pós-guerra, como pode se observar pelas palavras do presidente do Partido Trabalhista Independente, Fenner Brockwaf: “Churchill terá tempo suficiente para criticar a política expansionista da Rússia quando ele e o governo trabalhista tenham liquidado o Império Britânico” (Jornal do Brasil, 7/3/46, p. 7).

Mas, as críticas mais fortes que o *Jornal do Brasil* apresentaram a seus leitores vieram de dois famosos escritores: o Prêmio Nobel de Literatura, Bernard Shaw e J. B. Priestley:

Se a proposta de aliança anglo-norte-americana, feita por Churchill, tivesse êxito, seria nada menos do que uma declaração de guerra à Rússia. O que Churchill propõe é um recrudescimento da velha política do equilíbrio do poder: um bloco ocidental contra o bloco russo, com a perspectiva de uma guerra. Devemos enfrentar o fato de que há muitas pessoas, neste país, que desejam fazer a guerra contra a Rússia, e é oportuno que haja alguém, como Churchill, para recordá-lo (Jornal do Brasil, 7/3/46, p. 7).

Churchill não disse que atrás da antiga política de apaziguamento e tolerância com o fascismo havia o temor ao comunismo. No entanto, levanta novamente esse temor, e, sugerindo uma aliança anglo-norte-americana, nas linhas do Pacto Anti-Comintern, começa a mostrar os dentes do dragão”. Afirmando que as idéias de Churchill são do século XVIII, disse que “a época da bomba atômica exige maior previsão do que a de Churchill” (Jornal do Brasil, 7/3/46, p. 7).

Bernard Shaw apontava que o discurso em Fulton se constituiria em uma declaração de guerra caso aceita por Truman, dentro de uma velha estratégia de disputas de bloco de poder. J. B. Priestley, por sua vez, trazia à tona a política de apaziguamento que a Inglaterra desenvolveu com a Alemanha nazista, permitindo sua expansão na crença de que estava combatendo um mal maior: o socialismo soviético. Embora não fossem políticos profissionais como Truman, os escritores perceberam, ainda que não em sua totalidade, algumas das características mais importantes daquela “nova era” almejada pelo presidente estadunidense.

Mas essa perspectiva não era exclusividade dos ingleses. Da França, o *Jornal do Brasil* trazia as seguintes informações obtidas pela *United Press*: “Churchill faz explodir uma bomba em Fulton” (Jornal do Brasil, 7/3/46, p. 7). O jornal *L’Humanité*, ao analisar o discurso mencionava: “a explosão do antigo primeiro-ministro é uma prova de que o antissoviético está se revigorando e cegando alguns estadistas para o perigo da ressurreição da agressão alemã, para o perigo das consequências fascistas de tipo que Franco representa” (Jornal do Brasil, 7/3/46, p. 7).

E esse anti-sovietismo que o *Jornal do Brasil* apresentava através da publicação de trechos do *L’Humanité* parecia se reforçar, ainda que indiretamente, com ações que estavam sendo tomadas naquele momento e que foram publicadas na capa do *Jornal do Brasil* do dia seguinte: “Solicitam os Estados Unidos a imediata retirada das tropas soviéticas do Irã” (Jornal do Brasil, 8/3/46, p. capa). A manchete trazia um elemento de tensão muito forte que dava a clara impressão de um desacordo entre os países Aliados na Segunda Guerra Mundial.

O Irã tinha sido ocupado por tropas da Inglaterra e da URSS em agosto de 1941 com o objetivo de impedir que os nazistas tomassem as reservas de petróleo iranianas. Tinha ficado

acordado que passados seis meses do final da guerra, essas tropas deixariam o país. Ante a pressão dos EUA, “os russos, que não queriam ficar isolados internacionalmente, retiraram suas tropas antes que o tema fosse discutido na ONU, e isso veio a confirmar a Washington sua convicção de que convinha seguir aplicando uma política dura aos russos” (Fontana, 2011, p. 65 – tradução do autor).

Essa tensão antes sugerida pela capa do *Jornal do Brasil* passa a ser noticiada sem reservas na edição do domingo, dia 10 de março. Na capa da edição do jornal estava publicada agora a seguinte manchete: “Aguardam-se para a próxima semana sensacionais acontecimentos internacionais” (Jornal do Brasil, 10/3/46, capa). Em uma matéria assinada por R.H. Shakford, via *United Press*, o *Jornal do Brasil* trazia uma interessante análise sobre os acontecimentos de política internacional que estavam em curso no Irã, Alemanha, Espanha, Manchúria, Argentina, Inglaterra e Bulgária, com destaque para a conclusão do jornalista: “As relações soviético-norte-americanas são mais tensas do que nunca desde o dia da aliança entre os Estados Unidos e a Rússia” (Jornal do Brasil, 10/3/46, p. 7 – grifos nossos).

Nunca é demais lembrar que a edição dominical, tradicionalmente, era a mais importante da semana – e era assim com todos os jornais da grande imprensa brasileira no período do “tempo da experiência democrática” (1945-1964), tempo esse que coincide com a Guerra Fria e com seu resultado mais nefasto na vida brasileira: o golpe de 1 de abril de 1964. A repercussão da matéria, anunciada já na capa do jornal de forma bastante chamativa à curiosidade dos leitores, reservava o espaço mais nobre em matéria de política internacional para o artigo de R.H. Shakford. É muito difícil para o historiador acompanhar a recepção do público leitor dos jornais, ainda mais passado tanto tempo.

No entanto, é possível supor com tranquilidade, através do estudo sistemático sobre a história política do período, que essas notícias eram de grande interesse dos brasileiros e que elas produziam novas sensações para aqueles que viviam em um mundo que estava em processo de mudanças: mudança da vida conhecida antes da guerra, mudança da vida conhecida durante a Segunda Guerra Mundial e mudança da vida que parecia estar chegando após o fim da guerra, onde o discurso de Churchill em Fulton foi um poderoso elemento na criação dessa nova vida: “ainda continua no cartaz a indicação do discurso de Churchill propondo a aliança anglo-americana. Não obstante o presidente Truman ter se mostrado favorável à ideia, o governo de Moscou continua silencioso. Churchill destacou ser necessária essa aliança para conter as tendências soviéticas (Jornal do Brasil, 10/3/46, p. 7 – grifos nossos).

Essa nova vida social que parecia estar nascendo – a “nova era” anunciada há poucos meses por Truman - agora passava a ter, em seu horizonte, armas como a bomba atômica e uma nova proposta de organização da política internacional. Ademais, como pode ser entendido a partir do discurso de Churchill, passaria a estar presente a ideia que já tinha sido percebida pelo jornalista Shakford em sua matéria publicada pelo *Jornal do Brasil*: a ideia da contenção.

“As relações entre a União Soviética e os Estados Unidos jamais foram tão sombrias como hoje”

Um ano após o discurso de Churchill em Fulton, o presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, também realizou um discurso, porém, sua plateia era distinta daquela para quem o antigo primeiro-ministro da Inglaterra lançara suas palavras no Missouri. O público de Truman naquele 12 de março de 1947 era composto pelos congressistas dos Estados Unidos da América do Norte. Deputados e senadores ouviram, naquela sessão conjunta, um discurso que ganhou um *status* de histórico, pois enunciava o que ficou conhecido como Doutrina Truman e que, sem dúvidas, anunciava uma “nova era” na história do século XX.

A repercussão das palavras proferidas por Truman teve alcance mundial. Os principais jornais da capital do Brasil deram grande destaque em suas edições do dia 13 de março de 1947: o *Correio da Manhã* publicou em sua capa uma síntese do discurso oriunda da *Agence France-Presse* (AFP), importante agência de notícias francesa herdeira da tradicional *Havas*, enquanto o *Jornal do Brasil* publicou a íntegra do pronunciamento de Truman em sua capa com prosseguimento na página 7, obtida pela *United Press*.

O *Correio da Manhã* destacava que o presidente estadunidense tinha solicitado a liberação de 400 milhões de dólares para auxiliar a Grécia e a Turquia, além da autorização para o envio de pessoal civil e militar a esses países com a seguinte justificativa: “A gravidade da situação que reina no mundo hoje, tornou necessário meu comparecimento diante de uma sessão conjunta do Congresso. A política externa e a segurança nacional do nosso país estão em jogo” (*Correio da Manhã*, 13/3/47, capa).

De acordo com o presidente dos EUA, as relações internacionais estavam vivendo um momento de grande preocupação. A tal ponto que, de acordo com suas palavras, a segurança nacional de seu país estava em iminente perigo. Uma retórica muito clara: os Estados Unidos precisavam se defender da agressão externa. Mas no que consistia essa agressão externa exatamente?

A resposta vinha logo abaixo, na matéria publicada pelo *Correio da Manhã*. A agressão já estaria ocorrendo na Grécia, através de “atividades terroristas, e vários milhares de homens armados, dirigidos pelos comunistas” (*Correio da Manhã*, 13/3/47, capa). Sidnei Munhoz, entretanto, assevera que “a acusação de que uma pequena força comunista bancada pelos soviéticos ameaçava a Grécia, conforme foi amplamente divulgada por ingleses e estadunidenses, não se sustenta quando confrontada com as evidências factuais” (Munhoz, 2020, p. 172-173). Além disso, Eric Hobsbawm sustenta que “hoje é evidente, e era razoavelmente provável mesmo em 1945-47 que a URSS não era expansionista – e menos ainda agressiva – nem contava com qualquer extensão maior do avanço comunista além do que se supõe houvesse sido combinado nas conferências de cúpula de 1943-45” (Hobsbawm, 2003, p. 229).

De acordo com Truman, era necessário defender os valores do mundo ocidental onde quer que eles estivessem sob ataque:

Um desses modos de vida é baseado na vontade da maioria e se estabelece mediante instituições livres, governo representativo, eleições livres, garantias de liberdade individual, liberdade de palavra e de religião, ausência de toda opressão política. O outro modo é baseado na vontade da minoria imposta pela força à maioria. Esse modo de vida se apoia sobre o terror e a opressão, sobre o rádio e a imprensa controlados, eleições pré-determinadas, supressão da liberdade de palavra e religião e supressão da liberdade pessoal (*Correio da Manhã*, 13/3/47, capa).

Dois sistemas alternativos de vida e que, pelo visto, teriam muitas dificuldades para coexistir, dentro da ótica do governo dos EUA, que se:

Colocavam como os defensores do ‘Mundo Livre’, em oposição aos soviéticos, referidos por Truman como terroristas, opressores, controladores e supressores da democracia. Dessa forma, o presidente estadunidense tentava ultrapassar, ao nível do discurso, a oposição capitalismo *versus* comunismo para uma outra relação de oposição, baseada na democracia *versus* autoritarismo, para, dessa forma, resgatar os valores democráticos da Segunda Guerra Mundial, que visavam libertar o mundo dos autoritarismos e totalitarismos promovidos pelo Eixo (Domingos, 2010, p. 31).

Esse conflito fica visível em outra matéria presente também na capa do *Correio da Manhã* e que tinha a seguinte manchete: “Abolição do Partido Comunista nos Estados Unidos” (*Correio da Manhã*, 13/3/47, capa). Dentro dessa disputa, o presidente dos EUA anunciava acreditar que “a política norte-americana deve apoiar os povos livres que resistem às imposições pelas minorias armadas ou pela opressão. Creio que devemos ajudar os povos livres a

determinar seus destinos da forma como o entenderem (Jornal do Brasil, 13/3/47, p. 7). E a defesa de um desses sistemas de vida, que mais tarde passaria a ser conhecido como *american way of life*, implicava numa ruptura da tradição isolacionista da política estadunidense: a “nova era” finalmente tinha chegado!

No dia seguinte, a capa do *Correio da Manhã* trazia – entre as manchetes “Agentes de Moscou na América do Sul: acusações feitas por um deputado norte americano” e “Apurando a infiltração comunista nos sindicatos: O Sr. Budenz será inquirido pelo comitê trabalhista da Câmara” – as repercussões do discurso do presidente dos EUA: “Repercussão mundial das declarações de Truman” (*Correio da Manhã*, 14/3/47, capa). A matéria produzida por Lyle C. Wilson, da *United Press*, traduzia sem subterfúgios o significado do discurso de Truman: “O plano de emergência de Truman, para conter o comunismo no Oriente Médio, começou bem quanto à aprovação do Congresso, a despeito das advertências de que poderá conduzir a uma guerra com a Rússia” (*Correio da Manhã*, 14/3/47, capa – grifos nossos).

No mesmo dia que publicava em sua capa a manchete “Campanha contra o comunismo nos Estados Unidos”, o *Jornal do Brasil* publicava a matéria da *Associated Press*, do repórter John Hightower, com percepção semelhante à de Lyle C. Wilson:

Não pode haver mais dúvida de que os altos círculos americanos – agindo de acordo com a convicção da existência de uma atitude agressiva e expansionista da União Soviética para com o resto do mundo – pretendem colocar a força e o prestígio dos Estados Unidos frente a frente com a força e o prestígio da União Soviética, a fim de conter aquela expansão (Jornal do Brasil, 14/3/47, p. 6 – grifos nossos).

Tanto Wilson quanto Hightower perceberam o potencial de uma nova guerra a partir do pronunciamento de Harry Truman, afinal, como observa Sidnei Munhoz, “é possível afirmar que, desde a posse de Truman, os EUA confrontaram a URSS com o intuito de reverter o seu predomínio na Europa Oriental e de restringir a sua atuação na área anteriormente controlada pelo Japão (Munhoz, 2020, p. 169). E os leitores dos principais jornais da capital do Brasil ficaram informados – e possivelmente muito preocupados – a esse respeito. Conforme perceberam ambos os repórteres, o presidente dos EUA justificava sua nova política externa sob a necessidade de conter o comunismo. Essa contenção, como bem observado por Hightower, estava assentada muito mais em uma convicção do que em provas reais, servindo, portanto, naquela época, como um elemento de disputa política.

Lyle C. Wilson, na matéria publicada pelo *Correio da Manhã*, argutamente observou que a *nova era* teve como elemento importante em sua construção o discurso de Winston Churchill em Fulton:

O Congresso ficou atônito com a franqueza de Truman. O presidente acha que os Estados Unidos devem agir rapidamente para impedir a penetração do comunismo em certas áreas e falou com absoluta clareza. (...) Os Estados Unidos, desse modo, assumem o papel mundial preconizado pro Churchill há um ano, que em visita aos Estados Unidos, denunciou a “cortina de ferro” na Europa e propôs uma associação anglo-americana para conter as “tendências expansionistas” da Rússia. Truman se achava ao lado de Churchill, quando este pronunciou aquele discurso (*Correio da Manhã*, 14/3/47, capa).

Posição semelhante tinha Henry Wallace, que foi vice-presidente dos Estados Unidos no período de janeiro de 1941 a janeiro de 1945, sendo substituído no novo mandato de Roosevelt por Harry Truman. Matéria da *Reuters* publicada no *Jornal do Brasil* afirmava que Wallace, “que é o chefe da corrente oposicionista na política externa dos Estados Unidos”, tinha declarado pelo rádio que “autorizarem-se os empréstimos propostos pelo Presidente Truman equivale a levar o mundo à beira da guerra” e trouxe à lembrança o discurso de Churchill: “Há um ano em Fulton, no Missouri, Winston Churchill apelou por uma ofensiva diplomática contra a Rússia Soviética. Aprovando seu discurso, Truman nos comprometeu numa política de combate à Rússia” (*Jornal do Brasil*, 15/3/47, p. 7).

De Londres, a *United Press* enviava matéria que o *Jornal do Brasil* publicou, trazendo uma análise realizada pelo jornal *New Chronicle* sobre o discurso de Truman: “com os seus velados ataques ao comunismo russo o presidente ‘ofereceu uma perfeita arma àqueles que declaram que a política dos Estados Unidos está apenas ampliando a separação entre o leste e o oeste’” (*Jornal do Brasil*, 15/3/47, p. 7). Embora tivessem níveis de análise diferentes a respeito dos objetivos concretos da nova política externa dos EUA, havia uma concordância geral de que os tempos da Aliança entre EUA-URSS eram obra do passado, de uma outra (velha?) era.

A reação da União Soviética veio dentro do espírito previsto por Lyle C. Wilson: utilizando sua *força e prestígio*, como pode ser visto na capa do *Correio da Manhã*: “Primeira manifestação do governo russo: o ‘Izvestia’ compara os Estados Unidos à Alemanha Hitlerista”. Matéria de Walter Cronkite, correspondente em Moscou para a *United Press*, afirmava que a URSS acusava os EUA de tentar subjugar a Grécia e a Turquia utilizando estratégia semelhante a do nazismo: “O *Izvestia* faz mofa do apelo de Truman para ‘salvar’ a Grécia e a Turquia do

Bolchevismo dizendo que isso não é novo. ‘Hitler também fez referência aos bolchevistas quando queria preparar o terreno para suas conquistas’” (Correio da Manhã, 15/3/47, capa).

A URSS ainda contava com o prestígio internacional de ter derrotado o nazismo. Ao comparar a política externa dos EUA com a da Alemanha Nazista, gerava grande desconforto aos apoiadores de Truman. E denunciava uma intromissão de Truman em suas fronteiras, o que estava em desacordo com os compromissos assumidos anteriormente entre os antigos aliados, como pode ser visto em nota oficial de Moscou publicada no *Jornal do Brasil* em matéria da *United Press*: “os russos não levantaram objeção particular à ajuda à Grécia mas ‘a sugestão de que a Turquia, que não tomou parte na guerra, reclama que a sua reconstrução se processe com técnicos militares americanos, é interpretada como uma desculpa para o envio de tropas americanas para as fronteiras da União Soviética’” (Jornal do Brasil, 15/3/47, p. 7).

Os soviéticos não ficaram nada satisfeitos com a nova política externa de seu antigo aliado. Sua análise foi dura, porém realista: “as relações entre a União Soviética e os Estados Unidos jamais foram tão sombrias como hoje” (Jornal do Brasil, 15/3/47, p. 7).

A “nova era” agora se tornava uma realidade.

Considerações finais

É impossível entendermos o século XX sem estudarmos a Revolução Russa de Outubro de 1917. É com a chegada de Lênin, Trótsky e Stálin ao poder na Rússia que vai ser inaugurada uma modernidade alternativa, portanto, diferente daquela modernidade que foi inaugurada na segunda metade do século XVIII e que deu início, com a Dupla Revolução, à História Contemporânea e ao capitalismo. Capitalismo e socialismo, são, portanto, filhos de duas grandes revoluções – que mudaram o mundo!

Aproximadamente vinte anos após a Revolução de Outubro 1917, o século XX passa a enfrentar um conflito devastador, autêntico divisor de águas na história do “breve século XX”. A partir da expansão imperialista – e racista – do nazismo, associado à Itália fascista e ao Japão, as principais potências capitalistas (Inglaterra, França e EUA) estabelecem uma aliança com a pátria do socialismo (URSS) para enfrentarem as forças do Eixo no conflito que passou à história como Segunda Guerra Mundial.

Nessa aliança prenhe em contradições, não há dúvidas que o fardo mais pesado foi sustentado pela União Soviética. Além das investidas diretas dos nazistas sobre seus territórios,

a URSS também se preocupava com os reais interesses de seus parceiros, em especial com o primeiro-ministro da Inglaterra, Winston Churchill. As potências capitalistas européias, em uma política de apaziguamento, custaram a se definir contra o nazismo – pois viam nele um “muro” que impediria o socialismo de avançar para o ocidente além de vislumbrarem um conflito entre nazismo e socialismo. E mesmo durante a guerra, essa possibilidade era vista com muito interesse pelos estrategistas ingleses. Além disso, havia planos para que, assim que o nazismo fosse derrotado, iniciar-se um conflito com os soviéticos, com o objetivo de pôr fim ao socialismo: era essa a Operação *Untinkable* planejada por Churchill. Essa operação até poderia ser *impensável* pelos soviéticos – se eles não tivessem sido alertados por seus espões.

Como se pode perceber, essas contradições entre os aliados da Segunda Guerra Mundial se mostravam obstáculos reais para o período pós-guerra. Mas isso não significa que essas dificuldades precisassem necessariamente levar ao conflito entre aqueles que venceram a guerra. Roosevelt e Wallace, que foi seu vice-presidente durante a maior parte da guerra, entendiam a necessidade de um convívio em bons termos com a URSS. Mas não foi isso o que aconteceu! Um movimento em três tempos – agosto de 1945, março de 1946 e março de 1947 – fez surgir uma “nova era”.

As explosões atômicas contra o Japão em agosto de 1945 foram o primeiro passo desse movimento. Militarmente desnecessários, esses crimes de guerra impactaram o mundo inteiro. Em um primeiro momento, a grande imprensa brasileira estava mais interessada do avanço científico que as novas armas de guerra representavam. Mas não demorou a aparecer as primeiras críticas nos jornais da capital do Brasil ao emprego dessa produção da ciência. Notícias vindas do Japão e de Londres trouxeram informações que deram ao povo brasileiro uma nova dimensão sobre o resultado do uso da “arma terrível” do presidente Truman. Uma tragédia sem precedentes da história da humanidade. As bombas atômicas, exclusividade dos Estados Unidos, eram a maior força de intimidação jamais vista. E essa intimidação mirava muito além do Japão.

O segundo movimento dessa “nova era” se deu dentro do território dos Estados Unidos, no Missouri. Em março de 1946, Churchill exaltava a necessidade da manutenção do segredo nuclear e de uma aliança anglo-estadunidense em razão de “uma cortina de ferro” que descia sobre a Europa. Churchill anunciava que não dormiria tranquilo se os bolcheviques tivessem acesso as bombas atômicas – isso em um momento no qual o objetivo central da URSS era sua reconstrução: mais de 27 milhões de soviéticos perderam a vida durante a Segunda

Guerra Mundial. O *Correio da Manhã* passava da ambiguidade ao apoio das palavras de Churchill – mas também trazia críticas, via agências de notícias, ao discurso do antigo primeiro-ministro. Já o *Jornal do Brasil* trazia as críticas mais potentes, também via agências noticiosas, aos objetivos enunciados em Fulton: crítica à visão de mundo antiquada (imperialismo), ao apaziguamento do passado, à possibilidade do entendimento do discurso como uma declaração de guerra. O próprio jornal mencionava que o mundo estava vivendo um período de grande tensão naquele momento. E tudo isso despertava grande interesse aos leitores dos jornais da capital do Brasil.

O terceiro movimento dessa “nova era” também partiu de dentro do território estadunidense. Em Washington D.C., o presidente Harry Truman – que tinha estado ao lado de Churchill durante em Fulton há um ano atrás – discursou no Congresso pedindo um auxílio de 400 milhões de dólares destinados a Grécia. O *Correio da Manhã* trouxe uma síntese dos principais pontos do pronunciamento enquanto o *Jornal do Brasil* trouxe o discurso na íntegra e ambos os jornais demonstraram as repercussões mundiais ante as palavras do presidente dos Estados Unidos, o único país a contar com a tecnologia da bomba atômica naquele momento. Em matérias publicadas no Brasil, jornalistas estrangeiros chamavam a atenção para o potencial de guerra que o discurso de Truman trazia – um desses jornalistas chegou a relacionar o discurso do presidente com aquele discurso realizado um ano antes por Churchill.

Os jornais brasileiros trouxeram também a justificativa de Truman de que havia uma gravidade na situação política mundial contando com terroristas e homens armados pelos comunistas e que os valores de vida do povo estadunidense estavam sob ameaça – e em suas análises percebiam a intenção de Harry Truman de conter o comunismo. Mas ao mesmo tempo traziam críticas ao pronunciamento de Truman – algumas inclusive estabelecendo relações com o nazismo. A Doutrina Truman levou o mundo a um momento no qual as coisas “jamais foram tão sombrias como hoje”. E a articulação desses três tempos levou a uma “nova era” que durou aproximadamente 45 anos: o tempo da Guerra Fria!

Fontes

CORREIO DA MANHÃ (RJ) – Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

JORNAL DO BRASIL (RJ) – Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Referências

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. **O Brasil e a URSS na Guerra Fria**: a Política Externa Independente na imprensa gaúcha. Porto Alegre: Letra & Vida, 2010.

FONTANA, Josep. **Por el bien de imperio**: uma historia del mundo desde 1945. Barcelona: Pasado y Presente, 2011.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX (1914-1991). 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2021, p. 111-153.

MUNHOZ, Sidnei. **Guerra Fria**: História e Historiografia. Curitiba: Apris, 2020.

SIRINELLI, Jean-François. Elogio da complexidade. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 409-418.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **O Eixo e a URSS na Guerra Mundial**: diálogo com a narrativa histórica anglo-americana. Porto Alegre: Leitura XXI, 2020.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. A Guerra Fria. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge, ZENHA, Celeste. **O Século XX**: o tempo das crises – Revoluções, fascismos e guerras. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, p. 195-225.